

Vemos obviamente, aqui, a relação estreita existente entre o cavalo (emblema específico dos hicsos nômades por oposição aos sedentários do vale do Nilo) e a swastika, símbolo de origem solar. Aliás, apoiando-se nos trabalhos de Léger e do Prof. Skazkin¹³, o autor estende o campo dessa influência:

Um dos deuses mais poderosos dos eslavos era Sviatovit, simultaneamente divindade da Guerra e da Fertilidade dos Campos. Seu ídolo tinha quatro cabeças voltadas para quatro lados diferentes. Erguia-se no seu templo da Ilha de Rügen. Na mão direita Sviatovit tinha um *rhyton*¹⁴ cheio de bebida alcoólica. Ao pé da estátua estavam depositadas uma sela, rédeas e uma espada. Um cavalo "Branco de neve" consagrado a Sviatovit, estava guardado no recinto do templo... Ora, de acordo com a posição de suas quatro cabeças Sviatovit era essencialmente um deus "que via tudo"¹⁵. Por outro lado a origem solar desse deus era evidente. Pode pois suceder que certos traços de Sviatovit remontem aos tempos anteriores aos eslavos. Nesse caso os quatro pontos da antiga *swastika* simbolizam, talvez não somente o Sol em movimento mas também o Sol abarcando com o seu olhar os quatro lados do horizonte, o Sol "que vê tudo".

É sintomático observar que sessenta séculos mais tarde essa mesma ilha de Rügen serviria de lugar de experiência, dos ensaios científicos ultra-secretos dos "iniciados" nazistas que também utilizavam a cruz gamada...

Entretanto permanece o fato de que os egípcios foram marcados pelas invasões mitanianas. O primeiro historiador egípcio conhecido, Manethon, evocou esse episódio guerreiro:

Não sei como, a cólera divina soprou sobre nós, e de improviso um povo de raça desconhecida, vindo do Oriente, teve a audácia de invadir nosso país. Graças à força que tinha, apoderou-se dele sem luta. Prenderam os chefes, incendiaram selvagememente as cidades, destruíram os templos dos deuses e trataram os nativos com a máxima crueldade, enforcando uns, levando as crianças e as mulheres de outros como escravos.

(Relatado pelo historiador judeu Flavius Josefo.) Os faraós da XVIII dinastia não tiveram outro recurso senão se entenderem com os invasores que devastavam periodicamente as colônias egípcias da Síria e da Palestina. Foi assim que as alianças matrimoniais foram seladas, alianças cuja im-

13. PR. SKAZKIN, *Livre des lectures sur l'histoire du Moyen Age*, Moscou, 1940.

14. Vaso para beber, em forma de animal (cavalo, carneiro, argali).

15. Como o de Heliópolis.

portância para os fatos que se seguirão não serão nunca suficientemente assinaladas. Esses nômades que reverenciavam a águia e o falcão, pássaro do Sol, deveriam representar o papel de renovadores da religião no Egito.

Foi assim que nós muito naturalmente chegamos ao nosso faraó: Akhenaton. Como Mayani tão justamente resalta:

Não é nas fontes semíticas que Amenophis IV vai extrair sua inspiração religiosa... A primeira vista parece continuar o que recebeu de seus predecessores e de todas essas princesas mitânicas que dominaram a corte; um culto conveniente para o gosto deles, o de Aton, do disco solar. Esse culto aparece já sob Tuthmosis IV. Amenophis III demonstra por essa hipóstase do Sol uma devoção pessoal. Ele possui no lago de Tebas uma barca de passeio chamada "Esplendor de Aton". Esse culto dirige-se ao Sol diretamente; dispensa os velhos templos obscuros; faz pensar nos templos solares de céu aberto na V dinastia (como o de Heliópolis) e melhor ainda na adoração direta e espontânea do Fogo sagrado, pelos nômades da estepe. Amenophis IV, daqui em diante Akhenaton, entrega-se a esse culto com todo o ardor de sua natureza que não conhece nenhum compromisso. Ele o magnifica, torna-o absoluto e exclusivo. Insufla-lhe também a sua filosofia cheia de otimismo, ébria de liberdade, de alegria de viver, do amor pela natureza. Aton é o pai e a mãe de todas as criaturas¹⁶...

Assim por influência materna e familiar, indiretamente, nós nos encontramos no centro da questão: Akhenaton situa-se bem na base desse filio de ouro da tradição esotérica indo-européia. O único escritor que percebeu confusamente essa verdade foi já o dissemos, Z. Mayani:

Há uma certa afinidade — escreve ele — que não seria apenas a religião solar, entre os hicsos, que eram provavelmente guiados pelos indo-arianos e por Akhenaton, mais indo-ariano que egípcio; e há, por outro lado, um laço, talvez de ordem afetiva, entre o rei reformador e os mitânicos, adeptos igualmente de um monismo solar particular¹⁷.

Nada surpreendente, visto que Akhenaton tem uma mãe mitâniciana: a rainha viúva nobre Tiy; e sobretudo uma princesa mitâniciana por esposa: queremos falar da bela e enigmática Nefertiti.

16. Z. MAYANI: op. cit., págs. 129 e sg.

17. As tradições relatam que depois do dilúvio os Indo-Arianos refugiaram-se nas montanhas da Ásia Central e do Irã. É revelador o fato de encontrarem-se os mesmo índices cefálicos e as mesmas deformações cranianas nos esqueletos da idade do ferro, descobertos no Cáucaso (ver E. CHANTRE, *Recherches dans le Caucase*, 1885, t. 2, págs. 110-112). A aproximação das múmias Guanches das Canárias.